

## A palavra *cafone* na obra *Fontamara*, de Ignazio Silone

### The word *cafone* in the work *Fontamara*, by Ignazio Silone

Leandro Vidal Carneiro\* 

**RESUMO:** Desenvolve-se uma análise da obra *Fontamara* a fim de identificar e compreender os aspectos linguísticos e socioculturais do lexema *cafone*, que ocorre 148 vezes na narrativa. A análise fundamenta-se sobre noções linguísticas de palavra, lexema, lexia e enunciado lexicográfico (Basílio, 2000; Biderman, 1978, 1998; Andrade, 2000). Outrossim, discutem-se as relações entre língua, sociedade e cultura (Coseriu, 1982; Calvet, 2002) e a etimologia da palavra *cafone* (Vinciguerra, 2017). Realiza-se um cotejo entre os sentidos do lexema na obra e os significados do lexema em verbetes de sete obras lexicográficas. Os resultados apontam para uma compreensão do lexema *cafone* como um nome cuja função é a designação de um fato da realidade ao qual os sentidos, dentro do contexto sócio-histórico-cultural fictício da obra, são atribuídos a partir de concepções de mundo diferentes e antagonicas: a do homem *cafone* e a do homem não *cafone*. Tratando-se de um embate entre dois povos que têm, cada um, sua própria língua, seu próprio modo de perceber, conceptualizar e categorizar o mundo, conclui-se que, na narrativa, ocorre a manifestação de dois lexemas *cafone* distintos: um pertencente à língua dos

**ABSTRACT:** We analyze the work *Fontamara* in order to identify and understand the linguistic and sociocultural aspects of the lexeme *cafone*, which occurs 148 times in the narrative. The analysis is based on linguistic notions of word, lexeme, lexia and lexicographic statement (Basílio, 2000; Biderman, 1978, 1998; Andrade, 2000). Furthermore, the relationships between language, society and culture (Coseriu, 1982; Calvet, 2002) and the etymology of the word *cafone* (Vinciguerra, 2017) are discussed. We compared the senses of the lexeme in the work and the meanings of the lexeme in entries from seven lexicographical works. We verify that the lexeme is used to designate a fact of reality to which the senses, in the socio-historical-cultural context of the work, are attributed based on different and antagonistic conceptions of the world: the *cafone* man and the non-*cafone* man. In the case of a clash between two peoples who have, each one, their own language, their own way of perceiving, conceptualizing and categorizing the world, it is concluded that, in the narrative, there is the manifestation of two distinct lexemes *cafone*: one belonging to the *cafoni*'s

\* Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. [leandro.vidal@ifce.edu.br](mailto:leandro.vidal@ifce.edu.br)

---

*cafoni* e outro pertencente à língua dos não *cafoni*. Os sentidos desse lexema registrados em *Fontamara* constituem-se como um documento de um processo histórico e sociocultural e os significados que o vocábulo possui nos sistemas linguísticos cotejados comprovam que, na evolução histórica de um lexema, o núcleo central de significação pode ser deslocado e uma significação periférica pode passar a ocupar o centro do campo conceitual.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Cafone*. *Fontamara*. Ignazio Silone. Lexema. Sociedade e cultura.

---

language and another one belonging to the non-*cafoni*'s language. The senses of this lexeme recorded in *Fontamara* constitute a document of a historical and socio-cultural process, and the meanings that the word has in the compared linguistic systems prove that, in the historical evolution of a lexeme, the central core of meaning can be displaced and a peripheral meaning comes to occupy the centre of the conceptual field.

**KEYWORDS:** *Cafone*. *Fontamara*. Ignazio Silone. Lexeme. Society and culture.

---

## 1 Introdução

Desenvolve-se, neste artigo, uma análise da obra *Fontamara*<sup>1</sup>, de Ignazio Silone, a fim de identificar e compreender os aspectos linguísticos e socioculturais do lexema *cafone*. Essa unidade lexical ocorre 148 vezes na narrativa: 38 ocorrências da lexia *cafone* (masculino singular), 2 ocorrências da lexia *cafone* (feminino plural) e 108 ocorrências da lexia *cafoni* (masculino plural). Esse número revela o papel da unidade em foco na construção da narrativa e dos sentidos do texto, razão pela qual propõe-se esta análise linguística de base lexicológica, lexicográfica e sócio-histórico-cultural.

Na seção 1, apresentamos os conceitos sobre os quais se realiza a análise. São elucubrações acerca das noções de palavra, de lexema e de lexia adotadas como base para o intento estabelecido. Outrossim, discutem-se as relações entre língua, sociedade e cultura. Na seção 2, discorre-se sobre a obra *Fontamara*, apresentando informações acerca do autor e do contexto sócio-histórico-cultural de onde o texto emerge. Discutem-se aspectos formais do texto, como o foco narrativo e a condição do sujeito

---

<sup>1</sup> Neste texto, o vocábulo 'Fontamara' será grafado em estilo itálico quando se referir à obra literária; será grafado em estilo normal quando se referir à localidade mencionada na obra.

narrador. Na seção 3, realiza-se a análise do lexema *cafone*, relacionando aos contextos linguísticos e socioculturais em que ele ocorre os conceitos apresentados anteriormente. Soma-se à análise do texto o cotejo de sete verbetes de dicionários italianos com o intuito de identificar como essas obras lexicográficas classificam e definem o lexema *cafone*, considerando, para isso, a sua ocorrência como unidade de uma língua geral, isto é, não especializada. Em seguida, apresentam-se as considerações finais, nas quais se discutem a concretização dos objetivos traçados e os resultados obtidos. Por fim, apresentam-se as referências bibliográficas.

## 2 Fundamentação teórica

A conceptualização da realidade é um processo universal, mas cada grupo humano a elabora de modos diversos, a partir daquilo que se lhe mostra como sensível e, em especial, daquilo que se lhe mostra mais pertinente em razões de especificações ou de generalizações (Biderman, 2001, 1998, 1978). Assim, o processo de geração do léxico começa a partir da experiência do homem com as coisas do mundo, seguida de uma conceptualização, de uma categorização e uma ulterior denominação. O processo de percepção, cognição e categorização produz um acervo de signos que reportam o universo referencial que se apresenta ao homem, entendido aqui como ser antropológico. Tal conjunto de signos chama-se *léxico*. Cada língua tem um léxico particular, embora se possa admitir que “[...] as línguas naturais tenham tipos de semânticas universalmente compreensíveis” (Biderman, 2001, p. 2), pois a principal diferença entre as línguas não reside no que elas podem ou não dizer, mas no que elas *devem* dizer, isto é, qual aspecto da realidade merece atenção a ponto de ser categorizado e receber o seu devido rótulo linguístico.

O léxico de uma língua representa toda a informação sobre o mundo condensada em lexemas, pois nele se encontra a interpretação da realidade em suas devidas nomenclaturas. Desse modo, o léxico é o conjunto de palavras disponíveis ao emprego pelos falantes. Através do léxico da língua que falam, os membros de uma

comunidade podem ver e criar o mundo, criar seus valores, suas crenças, seus costumes, acompanhar as invenções tecnológicas e as transformações socioeconômicas e políticas pelas quais passa a comunidade, recortando realidades e definindo fatos de cultura (Oliveira; Isquerdo, 2001).

É consenso nos estudos linguísticos que a noção de *palavra* é bastante imprecisa, ambígua e não técnica e varia conforme o ponto de vista a partir do qual se define esse objeto (Basílio, 2000). Por isso, Biderman (1978) utiliza o termo *lexema* para designar a unidade lexical abstrata no nível do sistema linguístico e o termo *lexia* para designar a forma que o lexema assume no discurso; isto é, a *lexia* é a concretização de uma unidade abstrata. Um exemplo de lexema é o verbo *cantar*, cujas formas conjugadas — *canto, cantei, cantamos, cantaste, cantássemos* — são *lexias*. Igualmente, *cafone* é um lexema, enquanto *cafona* (forma feminina singular), *cafone* (forma masculina singular e forma feminina plural) e *cafoni* (forma masculina plural) são *lexias*. A palavra é, nessa concepção, uma unidade linguística de caráter psíquico-cognitivo em que se encontra um paradigma de formas (Biderman, 1998, 1978). Neste artigo, ao utilizar o termo *palavra*, referimo-nos tanto à unidade abstrata do sistema, o lexema, como à unidade concreta realizada no discurso, a *lexia*.

A respeito da organização dos lexemas em um sistema linguístico, Biderman (1978) apresenta um modelo de tipificação dos significados de uma unidade lexical postulado por Geoffrey Leech. O modelo constitui-se de sete tipos de significados, dos quais merece destaque o primeiro tipo: o significado conceptual, isto é, o conteúdo lógico, cognitivo ou denotativo. Este tipo é estabelecido como primeiro na escala porque é aquele que primeiro surge em face da percepção e conceptualização do mundo. A partir dele, que seria, naquela proposta, um núcleo básico, outros significados são formulados. Dos outros tipos, o segundo é o significado conotativo, isto é, “o que é comunicado em razão daquilo a que a língua se refere” (Biderman, 1978, p. 147); o terceiro é o significado estilístico, “aquilo que é comunicado sobre as circunstâncias sociais dos usos linguísticos” (Biderman, 1978, p. 147), e o quarto é o

significado afetivo, “aquilo que é comunicado dos sentimentos e atitudes do locutor” (Biderman, 1978, p. 147). Embora considere tal proposta passível de crítica, a autora admite a relevância e a adequação da proposta. Assim:

[...] na maioria dos usos dos lexemas, é possível distinguir um significado exclusivamente conceptual, onde é feita referência explícita ao conteúdo denotativo e/ou lógico e cognitivo dos dados da Realidade. Também é possível detectar significados de uma palavra, onde sobressaem franjas conotativas que se reportam a elementos contextuais (Biderman, 1978, p. 147).

Cardoso (2018) parece concordar com tal proposição ao afirmar que, por trás de uma unidade lexical, tanto é possível distinguir um signo conceptual, no qual se percebe uma referência direta à realidade, como é possível encontrar significados conotativos em uma referência a atitudes e/ou sentimentos do enunciador. Desse modo, as unidades lexicais, quando empregadas em situações de comunicação, podem carregar em si mais do que o simples fato denotativo, isto é, pode haver um objetivo além daquele de designar referentes do mundo. Nelas deitam raízes também fatos emotivos do sujeito que as emprega. Assim, as palavras servem como meios para a exteriorização de emoções, de sentimentos, de ideias e de atitudes perante os fatos do mundo, cujo objetivo é fazer despertar no interlocutor uma atenção maior ao conteúdo da mensagem.

Como um meio de transmissão de mensagens, o texto literário é um objeto de linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais mediatizadas nas palavras da língua, na configuração de um objeto estético (Proença Filho, 2007). É também o local onde a natureza da linguagem humana pode ser vislumbrada como um mecanismo que contém as regras da sua própria subversão (Cardoso, 2018). Apresenta-se, portanto, como um objeto de grande importância para a Linguística, pois configura-se como um registro autêntico de um determinado estágio de uma língua em um determinado período de tempo, recorte no

qual particularidades de estilo pessoal e de estilos de época — as marcas do espaço sociocultural — também se fazem presentes, pois todo discurso pressupõe um sujeito social e historicamente situado.

Conquanto a língua presente em um texto literário tenha escopos estéticos e não se confunda com a língua usada no cotidiano, ela nasce da linguagem comum a todos, isto é, da capacidade humana de se comunicar por meio de signos verbais. Nesse sentido, o texto literário pode e deve ser abordado a partir do ponto de vista linguístico, pois é na literatura que a língua se manifesta de forma criativa, refletindo a visão de mundo de um autor, de uma época, de um momento sócio-histórico (Cardoso, 2018). O texto literário dialoga com outras formas de expressão e reflete as transformações sociais e culturais.

Assim considerado, torna-se impossível dissociar o texto literário do universo sociocultural e da ideologia de uma sociedade de uma época, pois “o texto não é somente o vestígio de uma atividade enunciativa, mas o produto de uma história geralmente muito rica, um enunciado que geralmente atravessou múltiplos contextos, sofrendo constantes modificações, um objeto de múltiplas culturas” (Maingueneau, 2010 *apud* Cardoso, 2018, p. 18).

O discurso literário é, portanto, um ato linguístico e, como tal, “[d]eve ser tratado também pela linguística como um gênero distintivo plural que mescla aspectos linguísticos e estilísticos, refletindo o contexto, a ideologia do autor, o momento sócio-histórico-cultural etc.” (Cardoso, 2018, p. 16).

Desse modo, em consonância com os autores acima citados, acreditamos que o exame do lexema *cafone* na obra *Fontamara* deve considerar tanto os aspectos estritamente linguísticos, para os quais temos o aporte teórico fornecido pelos pressupostos da Lexicologia anteriormente apresentados, como os aspectos sócio-histórico-culturais do espaço-tempo de onde a obra emerge e os quais retrata. Na seção a seguir, discutir-se-á a propósito disto.

### 3. A obra *Fontamara*

*Fontamara* é o primeiro romance de Ignazio Silone, publicado primeiramente em alemão, no ano de 1933, quando o autor ainda se encontrava exilado na Suíça, fugindo à perseguição do regime fascista de Benito Mussolini. Foi publicado na Itália somente em 1948, quando Silone já retornara após a derrocada do Fascismo.

Ignazio Silone, pseudônimo de Secondino Tranquilli, nasceu em 1º de maio de 1900, em Pescina dei Marsi, localidade rural na província de Áquila, região dos Abruzos, no sul da Itália. Filho de uma tecelã e de um pequeno proprietário de terra, perdeu os pais e cinco irmãos no terremoto que abalou a Mársica em 1915. As condições econômica e social em que viveu desde criança, as tragédias naturais e humanas que encontrou pelo caminho levaram-no cedo ao empenho político. Vivendo no bairro mais pobre e desprezado da localidade, passa a frequentar, ainda adolescente, a barraca onde tinha sede uma liga de camponeses. Inicia-se, deste modo, um processo de militância revolucionária que Silone desenvolverá em toda a sua vida e que se manifestará em todas as suas obras, como *Uscita di sicurezza*, de 1965, *Il segreto di Luca*, de 1956, e *Fontamara*, de 1933.

Moura (2022) afirma que, em *Fontamara*, há a escrita do testemunho de um autor que vivenciou em corpo a luta pela sobrevivência e o sofrimento dos *cafoni*<sup>2</sup>, condenados a condições naturais e políticas hostis. *Fontamara* é, portanto, a escrita de uma história; mas não uma história caracterizada por datas e fatos ou nomes de personalidades, senão uma história “preocupada em tratar das datas, personalidades e fatos, contextualizando-os e buscando um entendimento das causas do que já ocorreu e do que está ocorrendo” (Peterle, 2011, p. 79). Para Mineo (2020, p. 392, tradução nossa), “o romance é o desmascaramento da política opressiva exercida pelo regime fascista contra os camponeses pobres por meio dos proprietários

---

<sup>2</sup> Porque se trata de um elemento característico da sociedade e da cultura aqui abordadas, decidimos empregar as formas italianas em vez de adaptá-las a uma tradução para a língua portuguesa.

exploradores”<sup>3</sup>. De fato, pela temática, *Fontamara* refere-se estritamente ao *Ventennio*, os anos vinte e trinta do século XX, época do regime fascista na Itália.

Precede a narrativa um prefácio, no qual o narrador, em primeira pessoa, explica e descreve as condições em que aconteceram os fatos que serão objetos da sua narração. O narrador se confunde com o autor, como se infere do trecho<sup>4</sup> “[...] *all'estero, dove anch'io, per mia tristezza, sono stato costretto a rifugiarmi*” (Silone, 2001, p. 9)<sup>5</sup>. Ele agrupa uma sequência de indicações: “*strani fatti [...] strani avvenimenti con fedeltà raccontati [...] la verità*” (Silone, 2021, p. 3)<sup>6</sup>. São fatos que aconteceram “*nel corso di un'estate a Fontamara*” (Silone, 2021, p. 3)<sup>7</sup>. E esclarece: “*Ho dato questo nome ad un antico e oscuro luogo di contadini poveri situato nella Marsica, a settentrione del prosciugato lago di Fucino, nell'interno di una valle, a mezza costa tra le colline e la montagna*” (Silone, 2021, p. 3)<sup>8</sup>.

Se considerarmos o ano da escrita da obra, 1930, os fatos narrados aconteceram em 1929: “*Però l'anno scorso si produssero una serie di fatti imprevisi e incomprensibili che sconvolsero la vita di Fontamara, stagnante da tempi immemorabili [...] Fontamara, un luogo che nessuna carta geografica menziona, divenne così tema di bizzarre congetture e discussioni*”

---

<sup>3</sup> No original: *Il romanzo è lo smascheramento della politica oppressiva esercitata dal regime fascista nei confronti dei contadini poveri attraverso i proprietari sfruttatori.*

<sup>4</sup> A fim de evidenciar as ocorrências do lexema *cafone*, todos os trechos da obra, mesmo aqueles em que a forma não ocorre, serão reportados na língua de origem: o italiano. A tradução de cada trecho, realizada pelo autor deste artigo, será reportada em notas de rodapé, mantendo, todavia, a palavra em sua forma italiana. Procedemos desse modo tendo em vista o escopo da análise: a identificação dos sentidos atribuídos ao lexema. Assumindo, portanto, que a forma está em função do sentido, decidimos mantê-la tal como é empregada no texto-fonte.

<sup>5</sup> “No exterior, onde eu também, para minha tristeza, fui obrigado a me refugiar” (tradução nossa).

<sup>6</sup> “Estranhos fatos [...] estranhos acontecimentos contados com fidelidade [...] a verdade” (tradução nossa).

<sup>7</sup> “Ao longo de um verão em Fontamara” (tradução nossa).

<sup>8</sup> “Dei este nome a um antigo e escuro local de camponeses pobres situado na Mársica, ao norte do ressecado lago de Fucino, no interior de um vale, a meia costa entre as colinas e a montanha” (tradução nossa).



(Silone, 2021, p. 9)<sup>9</sup>. Segundo Mineo (2020), o que nos é contado tem, de algum modo, o imediatismo da crônica, dos fatos do cotidiano. Trata-se de um romance que antecipa a prosa neorrealista, cuja corrente ideológica primava pelo realismo da vida social (Mineo, 2020).

No enredo, lemos os fatos que aconteceram aos moradores da localidade fictícia chamada Fontamara, situada na Mársica, Abruzos, no sul da Itália. Um local de gente pobre, humilde, sofrida e quase totalmente analfabeta. Após o prólogo, a narrativa começa com um narrador contando como, de repente, Fontamara caiu na escuridão depois de ter o fornecimento de energia elétrica cortado. A verdade é que o poder público havia instalado a energia elétrica ali, mas os moradores não sabiam que deviam pagar por ela. Em meio à discussão sobre pagamentos de taxas e o corte, os habitantes do local são induzidos a assinar um papel em branco que, posteriormente, descobrem que é uma autorização para desviar a água — o único bem precioso que tinham nas suas terras — em direção aos campos do misterioso *Impresario*, que, apoiado pelo regime dominante, torna-se *podestà*<sup>10</sup> de Fontamara.

Ao descobrirem o engano, as mulheres de Fontamara se dirigem à casa do *Impresario* para tentar convencê-lo a devolver a água, mas são novamente vítimas de uma enganação por causa da ambígua intermediação do advogado *don Circostanza*<sup>11</sup>, que as faz estabelecer um acordo segundo o qual três quartos da água deverão escorrer no novo leito do rio enquanto os outros três quartos restantes permanecerão no velho leito, de modo que cada parte do acordo tenha três quartos. Os camponeses são novamente ludibriados e não conseguem chegar à conclusão definitiva sobre quanto de água lhes caberá.

---

<sup>9</sup> “Porém, no ano passado, aconteceu uma série de fatos imprevistos e incompreensíveis que viraram pelo avesso a vida de Fontamara, estagnada desde tempos imemoráveis [...] Fontamara, um local que nenhum mapa menciona, tornou-se, assim, tema de estranhas conjecturas e discussões” (tradução nossa).

<sup>10</sup> Termo que, durante o regime fascista, designava o chefe da administração municipal.

<sup>11</sup> O nome Circostanza evidencia o caráter ambíguo, oportunista e trapaceiro do referido advogado, totalmente moldável às circunstâncias que lhe favoreçam.

Em meio às várias reivindicações dos habitantes e as conseqüentes indignações dos poderosos, a localidade é alvo de uma incursão violentíssima das forças fascistas, que ficham todos os moradores presentes, entram nas casas e molestam as mulheres. Berardo Viola, o homem mais forte e corajoso do local, decide deixar Fontamara e ir tentar a sorte na capital do país — apoiado, mais uma vez, por um infido subterfúgio de *don Circostanza*. Ali, ele viverá os piores acontecimentos da sua vida. Em Roma, para onde tinha ido levando consigo o filho mais novo de Giuvà — um dos narradores —, Berardo não consegue trabalho e encontra pela frente figuras desagradáveis, embusteiras, que se aproveitam da sua ignorância, relegando-lhe um papel marginal somente porque é um *cafone*.

Não obstante, a experiência romana é para Berardo uma ocasião de crescimento da sua consciência política. Tornando a ter contato com um revolucionário que conhecera anteriormente na cidade de Avezzano, por ocasião de outro abuso dos poderosos, autodeclara-se o *Solito Sconosciuto*, um ativista da resistência que a polícia caçava há alguns meses. Capturado, as atrozes punições o levam a morte. Em Fontamara, ao saberem da morte de Berardo, os camponeses tentam desvencilhar-se dos abusos fascistas e criam o jornal *Che fare?*, com o qual fazem os leitores tomarem conhecimento das injustiças sofridas e da morte do seu conterrâneo pelas mãos do regime. A reação fascista é violentíssima: as milícias realizam uma chacina, da qual pouco mais de três *cafoni* se salvam. Entre estes, estão os narradores da história: Giuvà, sua esposa, chamada Matalé, e o filho.

Com *Fontamara*, Ignazio Silone dá voz aos *cafoni*, camponeses que vivem em miséria e de cuja ignorância se aproveitam, para os seus jogos sujos, personagens de baixo nível e de alta imoralidade, como *don Circostanza*, advogado arrogante e mentiroso que ora apoia o regime e com ele estabelece uma hierarquia social que põe os *cafoni* desventurados em último posto, ora é amigo dos camponeses. Para ele, o mais importante é obter vantagens pessoais. O *cafone* de Fontamara descrito por Silone é o protagonista digno, moral, honesto, no qual confluem e se sintetizam os seus próprios

valores políticos e antifascistas. O *cafone* é o emblema do pobre universalmente conhecido como aquele que vive em estado de indigência, às margens da sociedade classista e do desenvolvimento, condenado à um inelutável destino de escravidão e servidão. O trecho a seguir expressa firmemente as práticas abusivas dos cidadãos<sup>12</sup> contra os camponeses de Fontamara:

Il poco grano che sarebbe dovuto rientrare a Fontamara, dopo il raccolto in corso, era stato accaparrato dall'Impresario fin dal mese di maggio, quando era ancora verde, per centoventi lire al quintale. A noi era sembrata un'occasione da non lasciarsi sfuggire e anzi ci meravigliavamo che l'Impresario, di solito così previdente, osasse acquistare grano nel mese di maggio, quando ancora nessuno può prevedere il prezzo del mercato. Ma noi avevamo bisogno di denaro e senza pensarci tanto avevamo venduto il grano ancora verde e la stessa cosa avevano fatto i cafoni dei villaggi vicini. Durante la mietitura ci si svelò il mistero: il Governo fece una legge speciale in favore del grano nostrano e il prezzo di esso salì di colpo da centoventi a centosettanta lire al quintale. Evidentemente l'Impresario doveva aver avuto sentore della legge fin dal mese di maggio. Egli guadagnò senza fatica cinquanta lire su ogni quintale del nostro grano, prima ancora che esso fosse raccolto. Così tutto il profitto della coltivazione del nostro grano era andato all'Impresario. Tutto il profitto dell'aratura, della pulitura, della mietitura, della trebbiatura, tutto il profitto d'un anno di lavoro, di sudore, di pena, di sofferenza era andato a quel forestiero che con la terra non aveva avuto nulla a che fare. I cafoni aravano, spianavano, zappavano, mietevano, trebbiavano, e, quando tutto era finito, interveniva un forestiero e raccoglieva il guadagno (Silone, 2001, p. 134)<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> Neste trabalho, empregamos o termo *citadino* devido ao seu valor representacional, “pessoa que é natural ou habitante da cidade, urbanita” (MICHAELIS, 2024, online), para referirmo-nos àqueles sujeitos que vivem na cidade, isto é, os não *cafoni*, a fim de evitar o termo *cidadão*, cuja definição socialmente estabelecida contém aspectos políticos e, portanto, engloba também os sujeitos *cafoni*.

<sup>13</sup> “O pouco trigo que deveria voltar para Fontamara, depois da colheita em curso, tinha sido comprado antecipadamente pelo *Impresario* desde o fim do mês de maio, quando ainda estava verde, por cento e vinte liras o quintal métrico. Para nós, tinha parecido uma ocasião que não deveríamos deixar escapar e, aliás, ficamos até surpresos que o *Impresario*, geralmente tão precavido, ousasse comprar trigo no mês de maio, quando ninguém poderia ainda prever o preço do mercado. Mas nós precisávamos de dinheiro e, sem pensar muito, tínhamos vendido o trigo ainda verde e a mesma coisa tinham feito os *cafoni* dos vilarejos vizinhos. Durante a colheita, foi revelado o mistério: o Governo fez uma lei especial em favor do nosso trigo e o preço dele subiu de repente de cento e vinte liras para cento e setenta liras o quintal

Muito mais do que uma denúncia sobre violências fascistas no âmago do regime, *Fontamara* é um espelho da sociedade meridional. O romance de Silone assume um específico relevo literário no âmbito do *corpus* fecundo da narrativa realística dos anos trinta que engloba, entre outras, *Gente in Aspromonte*, de Corrado Alvaro, *Conversazione in Sicilia*, de Elio Vittorini, e *Don Giovanni in Sicilia*, de Vitaliano Brancati.

#### 4 Análise do lexema *cafone*

Na obra, a primeira menção à palavra *cafone* aparece já no prefácio, em um trecho no qual o narrador apresenta a própria terra:

Fontamara somiglia dunque, per molti lati, a ogni villaggio meridionale il quale sia un po' fuori mano, tra il piano e la montagna, fuori delle vie del traffico, quindi un po' più arretrato e misero e abbandonato degli altri. Ma Fontamara ha pure aspetti particolari. Allo stesso modo, i contadini poveri, gli uomini che *fanno fruttificare la terra e soffrono la fame*, i fellahin i coolies i peones i mugic i *cafoni*, si somigliano in tutti i paesi del mondo; sono, sulla faccia della terra, nazione a sé, razza a sé, chiesa a sé; eppure non si sono ancora visti due poveri in tutto identici (Silone, 2001, p. 3-4, grifo nosso)<sup>14</sup>.

O narrador descreve os *cafoni* como camponeses pobres, que fazem a terra dar frutos e passam fome, e os compara a outros tantos povos camponeses em todos os

---

métrico. Evidentemente, o *Impresario* deveria ter ouvido falar da lei desde o mês de maio. Ele ganhou, sem esforços, cinquenta liras sobre cada quintal do nosso trigo, antes que ele fosse colhido. Assim, todo o lucro do cultivo do nosso trigo tinha ido para o *Impresario*. Todo o lucro da aragem, da limpeza, da colheita, da debulha, todo o lucro de um ano de trabalho, de suor, de dor, de sofrimento tinha ido para aquele forasteiro que não tinha nada a ver com a terra. Os *cafoni* aravam, nivelavam o terreno, capinavam, colhiam, debulhavam, e, quando tudo estava pronto, aparecia um forasteiro e levava todo o lucro” (tradução nossa).

<sup>14</sup> “Fontamara se assemelha, então, por muitos lados, a qualquer vilarejo meridional que esteja fora de mão, entre a parte plana e a montanha, fora das vias do tráfego, isto é, um pouco mais afastado e miserável e abandonado do que os outros. Mas, mesmo assim, Fontamara tem aspectos particulares. Da mesma forma, os camponeses pobres, os homens que fazem a terra dar frutos e sofrem com a fome, os felás, os coolies, os peones, os mujiques, os *cafoni*, se assemelham em todos os países do mundo; são, sobre a face da terra, uma nação à parte, raça à parte, igreja à parte; e, mesmo assim, nunca foram vistos dois pobres totalmente idênticos” (tradução nossa).

países do mundo: os felás, os coolies, os peones, os mujiques. Apesar de semelhantes no *modus vivendi*, cada povo é uma nação à parte, uma raça em si; isto é, cada qual tem seus aspectos particulares, sua própria natureza. Ao longo de toda a narrativa, são apresentadas características físicas, sociais, emocionais e psicológicas dos *cafoni*, que se constituem, em termos semânticos, como verdadeiros enunciados lexicográficos (Andrade, 2000) do lexema em apreço.

No trecho reportado a seguir, os *cafoni* são caracterizados como sujeitos que, na escala social, estão rente ao chão. Bem pouco acima deles, estão os pequenos proprietários de terra: “*La scala sociale non conosce a Fontamara che due piuoli: la condizione dei cafoni, raso terra, e, un pochino più su, quella dei piccoli proprietari*” (Silone, 2001, p. 5, grifo nosso)<sup>15</sup>.

No trecho a seguir, o narrador relata que os *cafoni*, assim como outros trabalhadores braçais e artesãos pobres, se dobram em esforços, passam por privações, por sacrifícios inauditos a fim de tentar subir pelo menos um degrau na escala social, mas raramente conseguem. Descreve os *cafoni* como sujeitos afligidos e incapazes: “*durante varie generazioni i cafoni, i braccianti, i manovali, gli artigiani poveri si piegano a sforzi, a privazioni, a sacrifici inauditi per salire quel gradino infimo della scala sociale; ma raramente vi riescono*” (Silone, 2001, p. 6, grifo nosso)<sup>16</sup>. O trecho abaixo apresenta uma reflexão metalinguística — e social — do narrador, que tem consciência de que a palavra *cafone* é empregada como termo de ofensa e desprezo:

Io so bene che il nome di cafone, nel linguaggio corrente del mio paese, sia della campagna che della città, è ora *termine di offesa e dilleggio*: ma io l’adopero in questo libro nella certezza che quando nel mio paese il dolore non sarà più vergogna, esso diventerà nome di rispetto, e forse anche di

---

<sup>15</sup> “Em Fontamara, a escala social conhece somente duas estacas: a condição dos *cafoni*, rente ao chão, e, um pouquinho mais acima, a dos pequenos proprietários de terra” (tradução nossa).

<sup>16</sup> “Durante várias gerações, os *cafoni*, os boias-frias, os trabalhadores braçais, os artesãos pobres se desdobram em esforços, em privações, em sacrifícios inauditos para subir um ínfimo degrau na escala social; mas raramente conseguem” (tradução nossa).

onore (Silone, 2001, p. 6, grifo nosso)<sup>17</sup>.

Todavia, a despeito de tal uso, o narrador o emprega com a esperança de que um dia se torne um nome de respeito e talvez até de honra. No trecho a seguir, lê-se novamente uma descrição dos *cafoni* como pobres famintos por terra que, por gerações, trabalham do alvorecer ao poente para tentar fazer crescer um pequeno e estéril pedaço de terra: *L'oscura vicenda dei Fontamaresi è una monotona via crucis di cafoni affamati di terra che per generazioni e generazioni sudano sangue dall'alba al tramonto per ingrandire un minuscolo sterile podere, e non ci riescono* (Silone, 2001, p. 08, grifo nosso)<sup>18</sup>.

O trecho abaixo é uma fala de Michele Zompa ao cavalheiro Pelino (que havia chamado de *vermes da terra* os *cafoni*), explicando-lhe que os fatos mudam, mas quem comanda são sempre os mesmos:

Imagina. Come può un cafone, un povero cafone, un *povero verme della terra* conoscere tutti questi fatti? Non può. Ma una cosa sono i fatti, un'altra è chi comanda. I fatti cambiano ogni giorno, chi comanda è sempre quello. L'autorità è sempre quella (Silone, 2001, p. 27, grifo nosso)<sup>19</sup>.

O trecho abaixo explicita em qual parte da escala social se encontram os *cafoni*: primeiro Deus, depois o príncipe Torlonia, depois a guarda do príncipe, depois os cães da guarda do príncipe, depois nada, depois mais nada, depois mais nada e, por fim, os *cafoni*. E, depois desses, não há mais nada:

---

<sup>17</sup> “Eu sei bem que o nome de *cafone*, na linguagem corrente do meu país, tanto no campo como na cidade, é agora termo de ofensa e escárnio; mas eu o uso neste livro com a certeza de que, quando, no meu país, a dor não for mais vergonha, ele será nome de respeito e talvez até de honra” (tradução nossa).

<sup>18</sup> “A obscura história dos habitantes de Fontamara é uma monótona via crucis de *cafoni* famintos por terra que, por gerações e gerações, suam sangue do alvorecer ao pôr-do-sol para fazer crescer um minúsculo e estéril pedaço de terra, e não conseguem” (tradução nossa).

<sup>19</sup> “Imagina! Como pode um *cafone*, um pobre *cafone*, um pobre verme da terra conhecer todos estes fatos? Não pode. Mas uma coisa são os fatos, uma outra é quem comanda. Os fatos mudam todo dia, mas quem comanda é sempre o mesmo. A autoridade é sempre a mesma” (tradução nossa).

In capo a tutti c'è Dio, padrone del cielo. Questo ognuno lo sa. Poi viene il principe Torlonia, padrone della terra. Poi vengono le guardie del principe. Poi vengono i cani delle guardie del principe. Poi, nulla. Poi, ancora nulla. Poi, ancora nulla. Poi vengono i cafoni. E si può dire ch'è finito (Silone, 2001, p. 27-28)<sup>20</sup>.

O fragmento abaixo reporta um momento de tensão entre as mulheres de Fontamara e um grupo de *carabinieri*<sup>21</sup>, no qual se pode presenciar um verdadeiro momento de desprezo dos cidadãos em relação aos *cafoni*. Em busca de obter respostas a respeito do desvio da água de suas terras para as terras do *Impresario*, um grupo de mulheres vai à cidade tentar falar com os responsáveis:

All'ombra delle siepi gruppi di operai mangiavano la loro spesa, e altri riposavano, col capo appoggiato sopra la giacca ripiegata e il cappello sul viso. I carabinieri non nascondevano il loro malumore; uno ci disse sgarbatamente: "Perché siete venute proprio all'ora che dovevamo mangiare? Non potevate venire più tardi?" "E noi?" gli rispondemmo "Non siamo cristiani anche noi?". "Voi siete cafone" ci rispose quello. "*Carne abituata a soffrire*". "Che peccati abbiamo fatti più di voi? A casa vostra non avete una madre, sorelle? Perché parlate in quel modo? Solo perché siamo mal vestite?". "Non è per questo, ma siete cafone, siete *abituata a soffrire*" (Silone, 2001, p. 40, grifo nosso)<sup>22</sup>.

Depois de longas horas caminhando em uma estrada de terra, chegam à praça da cidade com as roupas imundas, os rostos esbranquiçados de poeira e os cabelos totalmente desgrenhados. Era hora do almoço e os policiais não queriam tratar com

---

<sup>20</sup> "Acima de todos está Deus, dono do céu. Isso todo mundo sabe. Depois vem o príncipe Torlonia, dono da Terra. Depois, vêm os guardas do príncipe. Depois, vêm os cães dos guardas do príncipe. Depois, nada. Depois, mais nada. Depois, mais nada. Depois, vêm os *cafoni*. E pode-se dizer que acabou" (tradução nossa).

<sup>21</sup> Força armada italiana de competência do Ministério da Defesa. Em português, *carabineiros*.

<sup>22</sup> "Na sombra das sebes, grupos de operários comiam e outros repousavam, com a cabeça apoiada em cima da jaqueta dobrada e o chapéu sobre o rosto. Os carabineiros não disfarçavam o mau-humor; um nos disse grosseiramente: 'por que vocês vieram justamente na hora que temos para comer? Não podiam vir mais tarde?'. 'E nós', lhe respondemos, 'nós não somos cristãos também?'. 'Vocês são *cafone*', ele nos respondeu. 'Carne acostumada a sofrer'. 'Quais pecados nós fizemos mais do que vocês? Vocês não têm uma mãe em casa, irmãs? Por que vocês falam assim? Só por que estamos mal-vestidas?'. 'Não é por isso, mas vocês são *cafone*, são acostumadas a sofrer'" (tradução nossa).

elas naquela hora, questionando-lhes por qual motivo não poderiam aparecer em outro horário. À pergunta, elas respondem perguntando se elas também não são cristãs, merecedoras da atenção da força do Estado. Como resposta, o policial lhe diz que elas são *cafone*, e os *cafoni* são um povo acostumado a sofrer. No mesmo contexto, são chamadas de *vagabundas* pela mulher de um rico proprietário de terra da capital da região: “*Che c'è [...] sono venute con voi le altre vagabonde che stanno al portone? Che è successo?*” (Silone, 2001, p. 47, grifo nosso)<sup>23</sup>.

No trecho abaixo, o narrador conta sobre uma época em que um professor fora enviado a Fontamara para ensinar aos camponeses como escrever o nome de *don Circostanza*. Não sabendo escrever outro nome, os *cafoni* votavam sempre nele:

Una volta, quando avevano diritto di voto solo quelli che sapevano leggere e scrivere, egli mandò a Fontamara un maestro che insegnò a tutti i cafoni a scrivere il nome e cognome di don Circostanza. I Fontamaresi votavano dunque sempre unanimi per lui; d'altra parte, anche volendo, essi non avrebbero potuto votare per altri, perché sapevano scrivere solo quel nome (Silone, 2001, p. 55)<sup>24</sup>.

Infere-se, do trecho acima, que os *cafoni* não possuem educação formal, não frequentaram a escola; em suma, são analfabetos. O trecho abaixo conta como os *cafoni*, por medo de passar fome, eram sempre obrigados a aceitar pagamentos ínfimos da parte dos proprietários de terra e dos arrendatários:

La maggiore offerta di braccia sulla piazza era stata subito sfruttata dai proprietari e dai grossi fittavoli per diminuire i salari, ma, per quanto bassi, vi erano sempre dei cafoni *costretti ad accettarli per fame*; e taluni arrivavano al punto da offrirsi senza chiedere che fosse fissato il salario in anticipo,

---

<sup>23</sup> “O que foi? [...] aquelas outras vagabundas que estão no portão vieram com vocês? O que aconteceu?” (tradução nossa).

<sup>24</sup> “Uma vez, quando tinha direito ao voto somente quem sabia ler e escrever, ele mandou a Fontamara um professor que ensinou a todos os *cafoni* como escrever o nome e o sobrenome de *don Circostanza*. Então, todos os habitantes de Fontamara votavam sempre nele; e mesmo que quisessem nunca poderiam votar em outros, porque sabiam escrever somente aquele nome” (tradução nossa).



disposti ad accettare qualunque miseria (Silone, 2001, p. 68, grifo nosso)<sup>25</sup>.

Os abusos eram tantos que alguns até aceitavam trabalhar sem antes firmar algum valor de salário, aceitando qualquer miséria que lhes fosse oferecida.

No trecho a seguir, Baldissera, um *cafone*, chama Berardo Viola de *cafone ignorante e sem terra*, dizendo-lhe que as guerras são combatidas pelos *cafoni*, mas declaradas pelas autoridades. De forma implícita, expressa-lhe que os *cafoni* devem ser sempre subalternos e aceitar os desígnios da sua condição: *“Cosa ne sai tu?’ riprese il generale. ‘Cosa ne vuoi sapere tu, cafone ignorante e senza terra? La guerra sono i cafoni che la combattono, ma sono le autorità che la dichiarano”* (Silone, 2001, p. 87, grifo nosso)<sup>26</sup>.

No trecho a seguir, um velho *cafone* chamado Zompa se lastima afirmando que as guerras e as epidemias são invenções dos governos para diminuir o número de *cafoni*. Infere-se que os *cafoni* têm consciência de que as autoridades os consideram um estorvo e, portanto, descartáveis: *“Le guerre e le epidemie’ disse il vecchio Zompa, ‘sono invenzioni dei Governi per diminuire il numero dei cafoni. Si vede che adesso siamo di nuovo in troppi”* (Silone, 2001, p. 88, grifo nosso)<sup>27</sup>.

O trecho seguinte reporta um momento em que um grupo de jovens caçoa de um grupo de *cafoni*, que, atordoados e abatidos, não tinham vontade sequer de reagir: *“Noi lasciavamo fare. Nessuno di noi aveva più voglia di reagire. Noi non capivamo più nulla. Eravamo storditi e avviliti. I giovanotti ci lasciarono. ‘Siete troppo stupidi’ ci dissero. ‘Non*

---

<sup>25</sup> “A maior oferta de braços na praça era logo aproveitada pelos proprietários e pelos grandes arrendatários para diminuir os salários, mas, por mais baixos que fossem, havia sempre *cafoni* obrigados a aceitar devido à fome, e alguns chegavam ao ponto de se oferecer sem que o salário fosse fixado antes, dispostos a aceitar qualquer miséria” (tradução nossa).

<sup>26</sup> *“O que você sabe a respeito?” Retomou o general. ‘O que você quer saber disso, cafone ignorante e sem terra? A guerra são os cafoni que combatem, mas são as autoridades que as declaram”* (tradução nossa).

<sup>27</sup> *“As guerras e as epidemias’, disse o velho Zompa, ‘são invenções dos Governos para diminuir o número de cafoni. Dá para ver que já somos muitos de novo”* (tradução nossa).

*siete per nulla divertenti*” (Silone, 2001, p. 108, grifo nosso)<sup>28</sup>. A indiferença dos *cafoni* é interpretada pelos jovens como uma falta de espírito de diversão e muita estupidez.

No mesmo contexto, são tratados como estúpidos e arrogantes por um cidadão: *“Il vostro camion è già partito’ ci gridò un meccanico. ‘Perché siete venuti in ritardo?’. E cominciò a ingiuriarci, trattandoci da stupidi e arroganti nello stesso tempo”* (Silone, 2001, p. 109, grifo nosso)<sup>29</sup>.

Na prisão em Roma, Berardo discute com o revolucionário de Avezzano a respeito da união entre *cafoni* e não *cafoni* e expressa sua amargura em relação ao tratamento que estes dão àqueles:

L’*unione dei cittadini e dei cafoni?* Ma i cittadini stanno bene e i cafoni stanno male. I cittadini lavorano di meno e guadagnano di più, essi mangiano bene, bevono bene e non pagano le tasse. Basta vedere quanto ci fanno pagare a noi le stoffe, i cappelli, le suole. *Noi siamo come i vermi*. Tutti ci sfruttano. Tutti ci calpestano. Tutti ci imbrogliano (Silone, 2001, p. 188, grifo nosso)<sup>30</sup>.

Os não *cafoni* tratam os *cafoni* como vermes, aproveitam-se da simplicidade e da ingenuidade deles, pisam neles e os enganam constantemente. Assim exposto, podemos agrupar alguns dos significados da palavra *cafone* do seguinte modo:

Quadro 1 – significados da palavra *cafone* identificados na obra *Fontamara*.

arrogante	camponês	capaz de se entregar a sacrifícios inauditos	descartável
diferente de outros	estúpido	faminto	habitado à privação

<sup>28</sup> *“Nós deixamos para lá. Nenhum de nós tinha mais vontade de reagir. Nós não entendíamos mais nada. Estávamos atordoados e humilhados. Os rapazinhos nos deixaram. ‘Vocês são muito estúpidos’, nos disseram. ‘Vocês não são engraçados’”* (tradução nossa).

<sup>29</sup> *“O caminhão de vocês já partiu’ gritou um mecânico. ‘Por que vocês chegaram atrasados?’. E começou a nos ofender, nos tratando como estúpidos e arrogantes, ao mesmo tempo”* (tradução nossa).

<sup>30</sup> *“A união dos cidadãos e dos cafoni? Mas os cidadãos estão bem e os cafoni estão mal. Os cidadãos trabalham bem menos e ganham bem mais, eles comem bem, bebem bem e não pagam as taxas. Basta ver o quanto eles nos fazem pagar pelos tecidos, pelos chapéus pelos solados. Nós somos como os vermes. Todos nos exploram. Todos pisam em nós. Todos nos enganam”* (tradução nossa).

pobres			
habituaado ao sofrimento	incapaz de ascender socialmente	ignorante	inútil
lavra a terra	menos do que o nada	pobre	raça à parte
resignado à fome	sem instrução	sem senso de humor	sem terra
trabalha do alvorecer ao poente	trabalha em condições subumanas	vagabundo	verme

Fonte: elaborado pelo autor.

Como podemos observar, alguns destes significados (como *camponês* e *pobre*) têm valor representacional, isto é, apontam diretamente para a natureza da coisa designada. Todavia, muitos destes significados (como *estúpido*, *inútil*, *sem senso de humor*) não constituem propriedades dos *cafoni*; são, ao contrário, atributos dados a eles por meio de uma visão de mundo construída por trás de um véu de preconceito social. De fato, são muito mais juízos de valor atribuídos àqueles referentes do mundo do que propriedades desses referentes. A significação de tal lexema testemunha o que Biderman (1978) afirma a respeito da significação de um lexema: a ocorrência de um significado exclusivamente conceptual, com referência explícita ao conteúdo da realidade, e a ocorrência de “franças conotativas que se reportam a elementos contextuais” (Biderman, 1978, p. 147).

Assim entendido, podemos afirmar que essas características atribuídas aos *cafoni* constituem especializações de sentidos, isto é, são sentidos atribuídos ao significado primeiro (*camponês*) da palavra-base através de duas visões de mundo distintas e antagônicas: a do homem *cafone* e a do homem não *cafone*. O que se destaca, neste caso, não é a menção ao referente (ao fato no mundo), senão a visão (construída social e culturalmente) que se tem desse referente. Contudo, admitindo, com base em Biderman (1978, 1998), que o processo de geração do léxico começa a partir da experiência do homem com as coisas do mundo, seguida de uma conceptualização, de uma categorização e uma ulterior denominação, alegamos que, no texto de *Fontamara*, há não um, senão dois lexemas *cafone*, como resultado da conceptualização e da categorização em dois sistemas linguísticos distintos: um formado a partir da

experiência sociocultural do próprio homem *cafone*, outro formado a partir da experiência sociocultural do homem não *cafone*. Um em que se nota a representação do referente por suas propriedades, pela sua própria natureza; outro em que se nota a representação do referente por meio de características que lhe são atribuídas, ou seja, características que não são propriedades suas.

Posto que o sistema linguístico é uma construção social (Saussure, 2012; Coseriu, 1982) e que a história de uma língua é a história dos seus falantes (Calvet, 2002; Camacho, 2013), podemos, com razão, sustentar essa afirmação, pois, em *Fontamara*, não há somente uma história em jogo: há, ao contrário, duas histórias assaz antagônicas. Duas histórias que possuem personagens e línguas diferentes. Sustenta essa asserção a reflexão metalinguística, realizada no prefácio, que Silone tece a respeito da língua dos *cafoni* e da língua dos cidadãos:

A nessuno venga in mente che i Fontamaresi parlino l'italiano. La lingua italiana è per noi una lingua imparata a scuola, come possono essere l'italiano, il francese, l'esperanto. La lingua italiana è per noi una lingua straniera, una lingua morta, una lingua il cui dizionario, la grammatica si sono formati senza alcun rapporto con noi, col nostro modo di agire, col nostro modo di pensare, col nostro modo di esprimerci (Silone, 2001, p. 12)<sup>31</sup>.

No trecho reportado, o autor destaca que a língua italiana não é a língua do povo *cafone*, é a língua de outro povo. Trata-se de uma língua estrangeira tanto quanto outras ensinadas e aprendidas na escola. Silone (2001) reivindica, de modo indireto, o lugar do dialeto na vida social italiana, uma língua que, por motivos mais políticos do que verdadeiramente linguísticos, encontra-se em um lugar de inferioridade em

---

<sup>31</sup> “Ninguém pense que os habitantes de Fontamara falam o italiano. A língua italiana é, para nós, uma língua aprendida na escola, como podem ser o latim, o inglês, o esperanto. A língua italiana é para nós uma língua estrangeira, uma língua morta, uma língua cujo dicionário e cuja gramática foram formados sem relação conosco, com o nosso modo de agir, com o nosso modo de pensar, com o nosso modo de nos exprimir” (tradução nossa).

relação à língua nacional, ao italiano padrão (Sobrero; Miglietta, 2018). Com efeito, o dialeto dos *cafoni* e o italiano dos cidadãos não se confundem, apresentam léxico (*dizionario*) e gramática (*grammatica*) diferentes. Inclusive, a respeito dessa diferença lexical, Silone (2001) informa que, no dialeto, não existe nem mesmo uma palavra para designar o rouxinol: “*A Fontarama non c’è bosco: la Montagna è árida, brulla, come la maggior parte dell’Appennino. Gli uccelli sono pochi e paurosi, per la caccia spietata che a essi si fa. Non c’è usignolo; nel dialeto non c’è neppure la parola per designarlo*” (Silone, 2001, p. 11, grifo nosso)<sup>32</sup>.

Trata-se, verdadeiramente, de dois sistemas linguísticos independentes, dois produtos sócio-históricos diferentes e divergentes, cuja única característica em comum é o fato de serem variações, no tempo, do latim vulgar falado na península (Lepschy; Lepschy, 1988; Sobrero; Miglietta, 2018). Posto que são línguas diferentes, os *cafoni* não se exprimem em italiano; utilizam, para isso, a língua materna, o dialeto. Silone (2001) conclui a reflexão com um enunciado no qual se vê a nítida relação entre pensamento e linguagem/língua:

Se è vero che per esprimersi bene in lingua, bisogna prima imparare a pensare in essa, lo sforzo che a noi costa il parlare in questo italiano significa evidentemente che noi non sappiamo pensare in esso (che questa cultura italiana è rimasta per noi una cultura di scuola) (Silone, 2001, p. 12)<sup>33</sup>.

Concluimos, portanto, que, já desde o início da obra, o autor nos alerta sobre a existência, naquela narrativa, de dois sistemas linguísticos em contato. São, pois, duas línguas de dois povos diferentes com histórias que não se assemelham em nada. A mesma forma vocabular (Biderman, 1978) existe nas duas línguas: o dialeto e o italiano

---

<sup>32</sup> “Em Fontamara não há bosque: a Montanha é árida, sem vegetação, como a maior parte dos Apeninos. As aves são poucas e medrosas, devido à caça impiedosa. Não há rouxinol: no dialeto, não há nem mesmo a palavra para designá-lo” (tradução nossa).

<sup>33</sup> “Se é verdade que, para exprimir-se bem em língua, é necessário antes aprender a pensar nela, o esforço que nos custa falar em italiano significa evidentemente que nós não sabemos pensar em italiano (que a cultura italiana é para nós uma cultura de escola)” (tradução nossa).

padrão; contudo, são dois lexemas distintos, pois, como já mencionado anteriormente, a principal diferença entre as línguas não reside no que elas podem ou não dizer, mas no que elas *devem* dizer, isto é, qual aspecto da realidade merece atenção a ponto de ser categorizado e receber o seu devido rótulo. No caso em apreço, o aspecto da realidade é o camponês de Fontamara, conceptualizado e categorizado de uma maneira particular em cada uma das duas línguas em jogo na narrativa. Como os processos de categorização léxica são específicos de cada língua, por consequência as categorias léxicas também variam. De fato, segundo Biderman (1978, p. 143-144), raramente dois idiomas são dotados dos mesmos tipos categoriais:

Quando ocorrem equivalências perfeitas entre dois sistemas linguísticos, tais fenômenos costumam ser casuais e esporádicos, o que passa a ser irrelevante no confronto global de duas estruturas léxicas. As redes de significação de uma língua A nunca se ajustam em todos os seus nós significantes às redes de significação do léxico de uma outra língua B (Biderman, 1978, p. 143-144).

Aludindo à hipótese de Sapir-Whorf, a renomada lexicóloga brasileira chama atenção para o relativismo linguístico, afirmando que dois sistemas linguísticos dificilmente apresentam correspondências em todas as suas redes de significação lexical (salvo aqueles que compartilham origens culturais próximas, como o mundo ocidental, ou intimamente comuns, como as línguas neolatinas). Vejamos, a título de comparação, que a mesma forma vocabular existente no dialeto e na língua nacional daquela narrativa existe também, com a devida mudança de vogal temática, no léxico da língua portuguesa de variedade brasileira, conforme consta no dicionário Michaelis (2024), cujo verbete reportamos no Quadro 2 abaixo:

Quadro 2 – definições lexicográficas do lexema *cafona*.

Cafona ca·fo·na
--------------------

adj m+f sm+f

COLOQ

1 Que ou aquele que se caracteriza pela falta de bom gosto, aparência extremamente convencional e desatualizada, principalmente ao trajar-se, revelando falta de sofisticação e de elegância; brega: “*A humanidade não pode viver sem um clichê. Ele reforça o paladar com um sabor cafona muito especial*” (LA3).

2 Que ou aquele que se enfeita ou se arruma de maneira ridícula, espalhafatosa, marcadamente vulgar e de mau gosto; brega: “[...] *Mesmo cafona e excessivamente maquiada, continua uma mulher charmosa*” (RN).

3 Indivíduo sem refinamento, simplório; possidônio, provinciano, suburbano.

ETIMOLOGIA

ital *cafone*.

Fonte: Michaelis (2024).

Contudo, nessa variedade, os traços de significados *denotativos* correspondem exatamente aos traços dos significados *conotativos* encontrados na língua italiana manifestada naquela narrativa fictícia. Em outras palavras, na passagem de um sistema linguístico (italiano) para o outro (português), foram incorporados ao léxico deste somente os sentidos atribuídos pelo homem não *cafone* e que não existiam no dialeto, de modo que, em terras brasileiras, a representação do homem do campo do Sul da Itália não é sentida pelos falantes, mas somente as caracterizações que lhe foram dadas. Aliás, é possível que o falante brasileiro comum sequer saiba da existência desse valor representacional, posto que tal vocábulo entrou no sistema lexical do português brasileiro já tolhido deste valor. Sustenta essa afirmação a definição da palavra *cafona* que se encontra em um dicionário de língua portuguesa da variedade europeia, reportada no Quadro 3 abaixo:

Quadro 3 – definições lexicográficas do lexema *cafona*.**cafona**

(ca·fo·na)

adjectivo de dois géneros e nome de dois géneros

1. [Brasil, Informal, Depreciativo] Que ou quem revela falta de requinte, de bom gosto. (Equivalente no português de Portugal: *piroso*.)

2. [Brasil, Informal, Depreciativo] Que ou quem é simplório ou provinciano.

Origem etimológica: italiano *cafone*, pessoa mal-educada.

Fonte: Priberam (2024).

Como podemos perceber, ambos os dicionários informam que o étimo da palavra *cafona* é a palavra *cafone*, mas somente o dicionário de variedade europeia

aponta um dos significados que esse lexema tem em sua língua de origem: ‘*pessoa mal-educada*’ (Priberam, 2024, online). Em suma, os dois dicionários de variedades do português são alheios àquele valor representacional primeiro que existe no dialeto, e aceitam como valor representacional aquilo que, no sistema linguístico italiano estabelecido na narrativa de Silone, era um valor expressivo, produzido com base em uma visão de mundo particular, eivada de preconceito social.

A narrativa de *Fontamara* realiza-se em italiano pois é em italiano que os *cafoni* precisam se comunicar com os cidadãos. Dessa forma, cumpre verificar os significados desse lexema nesta língua. Assim, com o escopo de conseguirmos uma compreensão melhor e mais ampla do objeto em tratamento, agregamos ao percurso metodológico um cotejo entre definições do lexema *cafone* presentes em algumas obras lexicográficas italianas. Para isso, constituímos um *corpus* com 7 dicionários e vocabulários da língua italiana, online e impresso, nos quais filtramos as definições do lexema a partir de uma perspectiva que o considera uma palavra da língua geral. As definições encontradas no *corpus* estão dispostas no Quadro 4 a seguir, onde todos os verbetes estão reproduzidos tal qual se encontram na obra de onde foram extraídos e mantêm, inclusive, as devidas marcas tipográficas de itálico, negrito e eventuais símbolos.

Quadro 4 – definições lexicográficas do lexema *cafone*.

<b>De Mauro</b>
<p><b>cafone</b> ca fo ne s.m., agg. 1841; etim. incerta. <b>1. s.m.</b> RE merid., contadino <b>2a. agg.</b>, s.m. AD spreg., che, chi è rozzo e ignorante; maleducato, villano: <i>sei um gran cafone, è una persona estremamente cafona</i>. <b>2b. agg.</b> CO di comportamento, modo di vestire ecc., di cativo gusto: <i>una cravatta cafona</i>.</p>
<b>Devoto; Oli</b>
<p><b>Cafone</b> (ca.fó.ne) s.m. (f. -a) ~Nell'Italia merid., contadino ♦ <b>com.</b> Persona zotica, grossolana e ignorante, oppure priva di buon gusto, di tatto, di rispetto; come <b>agg.</b>: <i>comportamento c., gente c.</i>, anche riferito a cose: <i>una cravatta c.</i> •DIM. <i>Cafoncèllo</i>. PEGG. <i>Cafonàccio</i>. ♦ Etimo incerto  1841.</p>
<b>Hoepli</b>
<p>Cafone [ca-fó-ne] agg. f. -a; pl. m. -i, f -e</p>



<p>1. Persona maleducata, rozza: <i>si è comportato da vero cafone</i> dim. Cafoncello  2. (region. Merid.) contadino</p> <p>◆ <b>agg.</b>  f. -a; pl. m. -i, f -e  che è maleducato, o che denota un gusto volgare: <i>un ragazzo cafone; una cravatta cafona</i>  Etimologia: ← etimo incerto; forse dal nome di un centurione romano (cafo, I sec. a.c) a cui sarebbero stati elargiti dei fondi nell'agro campano.</p>
<b>Garzanti</b>
<p>cafone  [ca-fó-ne] (pl. m. -ni; f -na, pl -ne)  A <b>s.m.</b> (f. -na)  1 dial., merid. Contadino  2 estens. Persona zotica, villana, maleducata: <i>è un vero c., comportarsi da c.</i>  B <b>agg.</b>  Villano, rozzo: sei ancora più c. di lui     dim. cafoncèllo     pegg. Cafonàccio</p>
<b>Sabatini Coletti</b>
<p>cafone  [ca - fó - ne] <i>agg.,s.</i>  <b>agg.</b> Maleducato, volgare, di cativo gusto  <b>s.m.</b> (f-na) region. Contadino – fig. persona villana, maleducata: comportarsi da c.  <b>dim.</b> cafoncello  a. 1861</p>
<b>Treccani</b>
<p>cafone</p> <p>cafóne s.m (f-a) [etimo incerto]. – termine con cui nell'Italia merid. sono indicati i contadini, anche senza intenzione spregiativa: nella piazzetta s'è intanto ammassata una gran folla, nella quale riesce difficile distinguere, a prima vista, i c. dai piccoli proprietari (Silone). Più comunem. è usato, in tutta Italia, come titolo ingiurioso per significare persona rozza, grossolana, maleducata. • Dim. cafoncèllo; pegg. cafonàccio.</p>
<b>Zanichelli</b>
<p>cafóne  [etim incerta ✪ 861]  A s. m. (f. -a)  1 (merid.) Contadino: <i>i cafoni del Sud.</i>  2 (est., spreg.) Persona rozza, villana o maleducata: <i>non faccia il cafone!; comportarsi da cafone.</i> <b>SIN.</b> Buzzurro, zotico.  B <b>agg.</b>  • Zotico, villano, maleducato: <i>la plebe contadina e cafona</i> (G. CARDUCCI).     <b>cafonàccio, pegg.</b>   <b>cafoncèllo, dim.</b>  <b>SFUMATURE</b> ► <i>maleducato.</i></p>

Fonte: elaborado pelo autor.

A primeira observação que podemos fazer sobre os verbetes diz respeito à classificação da parte do discurso, pois ela está diretamente relacionada à aceção de

maior relevo dada ao lexema pelo lexicógrafo. Em *Fontamara*, Silone coloca como protagonistas os *cafoni*. Para referir-se a eles, utiliza a função representativa da linguagem, isto é, emprega a língua para falar do referente tal como ele é devido a suas propriedades, predominando, pois, a representação da realidade. Vemos que isto se manifesta de modo notório na estrutura da narrativa, particularmente na figura do narrador, que se faz coincidir com o autor: usando a técnica de *mise en abyme*, a história inicia com um narrador e prossegue, em *flashback*, com a narração dos três *cafoni* que sobreviveram à chacina das milícias fascistas: Giuvá, Matalé e seu filho. Como todos os narradores são os próprios *cafoni*, podemos ter acesso à visão de mundo que eles têm da realidade circunstante e de si.

Trata-se de uma estratégia exitosa, pois, com isto, o autor expressa também a sua visão de mundo, o seu posicionamento perante a história, fazendo-se coincidir com o narrador. Caso o narrador fosse do tipo onisciente e fosse um homem não *cafone*, o acesso à visão de mundo própria desse povo, de modo que não causasse incongruências na narrativa, possivelmente encontraria barreiras, pois, como temos visto, no embate entre os discursos do homem *cafone* e do homem não *cafone*, este lado vê o mundo *cafone* através de uma cortina de depreciação. Além disso, um narrador não *cafone* não expressaria corretamente as experiências dos *cafoni*. Se, ao contrário, o fizesse, o autor estaria cometendo uma incoerência em relação à corrente literária de filiação.

Assim, na exposição dos fatos, o *cafone* que nos é apresentado por cada *cafone* narrador é o *cafone* tal como ele é: um camponês. Não há atribuição de juízos de valores. Há somente a própria coisa representada, sem interferências das emoções, dos afetos do emissor. É verdade que, na história, algumas vezes, o *cafone* se reconhece como um ser pobre, inferior, rude, sem instruções. Todavia, não se trata de uma autoflagelação ou um desprezo de si, mas sim uma forma de demonstrar que ele tem conhecimento daquilo que o homem não *cafone* pensa a respeito do homem *cafone*. Isto se faz evidente no diálogo entre o padre *don Abbacchio* e alguns *cafoni* a respeito da

contenda entre estes e o *Impresario*:

“Forse non è un indemoniato”, egli spiegò “ma un demonio vero e proprio. La chiesa non ci può nulla. Voi siete troppo ignoranti per capire questi misteri” [...] Veramente un demonio che avesse al suo servizio anche i canonici non si era mai visto. *E noi eravamo troppo ignoranti per capirlo* (Silone, 2001, p. 67-68, grifo nosso)<sup>34</sup>.

Em outras palavras, quando fala de si como algo inútil ou ignorante, o *cafone* o faz porque tem consciência de que o homem não *cafone* o enxerga assim, isto é, reproduz o discurso alheio sobre si, mas não se ressentido disso nem se reconhece dessa forma. Em uma situação totalmente oposta, o homem não *cafone* não consegue ver o *cafone* como o camponês que é, mas como aquilo que ele, homem não *cafone*, acredita — e quer — que o *cafone* seja.

A classificação primeira da palavra no verbete da obra lexicográfica fornece indícios das escolhas metodológicas aplicadas. Consultando os verbetes, notamos que, quando classifica o lexema *cafone* como primeiramente um substantivo, o enunciador da obra lexicográfica está definindo a coisa — o *cafone* — por aquilo que ela é na experiência sensível humana: um camponês. Quando classifica esse lexema como primeiramente um adjetivo, o enunciador não está definindo uma coisa da experiência sensível — o *cafone* —, mas a está associando a outra coisa — ao modo de comportar-se, por exemplo —, dando a esta coisa uma característica que não lhe é própria, senão que lhe é atribuída: ser rude não é algo próprio do *cafone*, senão uma característica que lhe é dada conforme padrões socioculturais que definem o que é rudeza e grosseria. Com razão, os *cafoni* não se veem como rudes, grosseiros ou ignorantes. Para os *cafoni*, o seu modo de ser lhes é natural: “*La nostra scarsa istruzione ci impediva di capire come*

---

<sup>34</sup> “Talvez não seja um endemoniado”, ele explicou, “mas um demônio de verdade. A igreja não pode fazer nada. Vocês são muito ignorantes para entender estes mistérios”. [...] Realmente, nunca tínhamos visto um demônio que tivesse ao seu serviço até mesmo os párocos. E nós éramos muito ignorantes para entender (tradução nossa).

*l'acqua potesse essere divisa in due porzioni di tre quarti ciascuna*"<sup>35</sup> (Silone, 2001, p. 64, grifo nosso), "*Voi siete troppo ignoranti per capire questi misteri*" (Silone, 2001, p. 67, grifo nosso), "*E noi eravamo troppo ignoranti per capirlo*" (Silone, 2001, p. 68).

Nos verbetes de *Devoto e Oli*, *De Mauro*, *Hoepli*, *Treccani* e *Zanichelli*, encontramos o lexema *cafone* como um nome que designa, na Itália Meridional, o camponês. No verbete do *Treccani*, destaca-se a informação de que este uso ocorre mesmo sem intenções pejorativas, ou seja, trata-se de um nome com função puramente representativa. Por outro lado, nos verbetes de *De Mauro*, *Hoepli*, *Treccani* e *Zanichelli*, é apresentada uma segunda acepção para o substantivo *cafone*, cujos significados coincidem justamente com as características que, na obra *Fontamara*, são dadas aos *cafoni* pelo homem não *cafone*: pessoa idiota, grosseira e ignorante ou priva de bom gosto, de tato, de respeito (De Mauro); pessoa idiota, rude, mal-educada (Hoepli e Zanichelli); pessoa rude, grosseira (Treccani). Trata-se de um caso de uma extensão de significado em que a característica de um referente específico passa a ser identificada com o próprio referente. Neste caso, vemos que a característica não é própria do referente, mas lhe é dada. Caso semelhante ocorre com o lexema *caipira*. Comparem-se, por exemplo, a primeira e a segunda acepções presentes no verbete *caipira* do dicionário Michaelis (2024):

Quadro 5 – definição lexicográfica do lexema *caipira*.

<p>caipira          cai·pi·ra          sm+f          1 Pessoa que nasceu ou mora na roça ou em ambientes rurais e que comumente trabalha em serviços de lavoura de subsistência no Sudeste ou Centro-Oeste brasileiros, em especial no interior de São Paulo; araruama, cafumango, cariazal, jeca, mano-juca, mixuango, muxuango, pé-duro, pé no chão, pioca, piracuara, piraguara, piraquara, roceiro, saquarema: "O jagunço destemeroso, o tabaréu ingênuo e o caipira simplório serão em breve tipos relegados às tradições evanescentes, ou extintas" (SER).          2 Indivíduo simples, ingênuo, tímido, de pouca ou nenhuma instrução e hábitos rudes, em geral habitante do campo; capa-bode, catrumano, groteiro, jeca, matuto, mocorongo, queijeiro,</p>
---

<sup>35</sup> "A nossa escassa educação nos impedia de entender como a água podia ser dividida em duas porções de três quartos cada uma" (tradução nossa).

tabaréu: “[...] porque caipira ele já estava cansado de ver ali todo dia. Ele gostava, sim, de novela que mostra as pessoas ricas da cidade” (AAn).  
 3 COLOQ Indivíduo que é malandro; vadio: “[...] essa ostentação de valentia de que os caipiras gostam de fazer e que, as mais das vezes, é causa de assassinatos estúpidos” (LB1).  
 4 REG (N.E.) Jogo popular de parada com um dado apenas ou uma roleta simples e um tabuleiro de seis casas numeradas.

Fonte: Michaelis (2024). Adaptado pelo autor.

Como no caso da palavra *cafone*, a palavra *caipira* passa a ser empregada para designar uma pessoa com pouca ou sem nenhuma instrução, de hábitos rudes. Possivelmente, o homem caipira não considera rudes os seus hábitos. O homem não caipira, ao contrário, o considera. Assim, qualquer pessoa rude, grosseira, sem modos, passa a ser chamada de caipira — ou *cafone*.

O verbete do *Sabatini Coletti*, por sua vez, classifica o lexema *cafone* primeiramente como adjetivo. Os significados são ‘mal-educado, vulgar, de mau gosto’. A segunda classificação é o substantivo, na qual consta o significado ‘camponês’. Ainda nesta classificação, constam como sentido figurado os significados ‘pessoa rude’, ‘mal-educada’. O verbete do *Hoepli* informa, ao lado da divisão silábica, que o lexema é um adjetivo, mas o enunciado lexicográfico deixa claro que se trata de um substantivo. Ainda assim, a primeira acepção que consta é ‘pessoa mal-educada’ e a segunda é ‘camponês’, com indicação de que se trata de um uso regional da Itália Meridional.

Em suma, enquanto *Devoto e Oli, De Mauro, Garzanti, Treccani e Zanichelli* apresentam como significado de relevo a definição sem valoração pejorativa, *Hoepli* e *Sabatini Coletti* apresentam a definição com valoração pejorativa. Esta situação levanta questões: há uma motivação ideológica — nos termos da Análise do Discurso — subsidiando a escolha da definição valorativa em primeiro lugar à frente da definição descritiva ou, por se tratar de um regionalismo, cabe-lhe, com razão, a segunda acepção, posto que a primeira acepção tem uma difusão maior por ocorrer em um território mais amplo? O assunto merece uma discussão posterior.

Concluindo a análise das definições do lexema *cafone*, podemos afirmar que todos os verbetes, independentemente da classificação da palavra, contêm enunciados

lexicográficos que apontam tanto uma definição desprovida de avaliação pejorativa (*contadino*) quanto definições providas de avaliação pejorativa (*rozzo, maleducato, ignorante, villano, cattivo gusto* etc.). Os verbetes de *Devoto, Oli; De Mauro, Hoepli, Treccani* e *Zanichelli* contêm uma informação sobre a etimologia da palavra em análise: todos são unânimes em afirmar que a etimologia é incerta. O *Treccani* esboça uma explicação.

Vinciguerra (2017), discorrendo em nome da Accademia della Crusca, reconhece que a questão da origem da palavra é, de fato, bastante complexa. Não obstante, ele afirma que há pouco a se falar sobre o significado corrente do lexema no italiano comum, pois é notório que se trata de um termo depreciativo e injurioso para indicar uma pessoa rude, de mau gosto ou mal-educada. Ele alega que a palavra *cafone* provém dos dialetos meridionais da Itália e se estendeu pelo país depois da *Unità*<sup>36</sup>, e seu significado — que se conserva ainda hoje no Sul da Itália — é justamente ‘*camponês*’. Após discutir a respeito de diversas etimologias acerca da palavra, Vinciguerra (2017) posiciona-se favorável à proposta do glotólogo Carlo Salvioni, considerando-a plenamente satisfatória tanto do ponto de vista histórico como semântico e fonético, fato que lhe rendeu, inclusive, a inserção no *Etimologico* de Alberto Nocentini e no *Lessico Etimologico Italiano*.

Segundo Vinciguerra (2017), Salvioni reconhece na palavra *cafone*, do italiano meridional, um derivado do latim *cavare*, que significa ‘*escavar, revolver a terra*’, com o acréscimo do sufixo *-one*, que indica hábito ou excesso no fazer a ação expressa pelo verbo. Então, *cavone* é ‘*aquele que escava, que ara a terra*’, ou seja, o camponês. Em relação ao aspecto fonético, Rohlfs (1966) destaca que a perda do traço [+sonoro] da fricativa labiodental, que resulta na passagem de [v] a [f], é um fenômeno frequente na Itália Meridional, justamente onde a palavra teve origem. A parte as discussões tecidas a

---

<sup>36</sup> Processo sociopolítico iniciado em 1848 e concluído em 1871 com a devida união dos territórios componentes da península itálica, formando o então Reino da Itália (1861-1946).

respeito das propostas de etimologias dadas à palavra, Vinciguerra (2017) afirma que, já no século XVIII, conforme atestam certos documentos do *Lessico Etimologico Italiano*, a palavra *cafone* era empregada para expressar ‘*pessoa grossa e mal-educada*’. Trata-se, porém, segundo o autor, de um uso resultante do ponto de vista do homem da cidade.

A respeito disso, Sciorra (2021) afirma que a mudança semântica de ‘*camponês*’ para ‘*mal-educado*’ decorre da compreensão social de urbanidade, ou *civiltà*, que está associada à noção de comportamento adequado dos habitantes da cidade, promulgado através do capital cultural da linguagem, da vestimenta e da educação. Esse tipo de comportamento “ajuda a estabelecer e manter um sentimento de identidade e pertencimento que contrasta intensamente com a cultura e as práticas do campo (Sciorra, 2021, p. 197-198, tradução nossa)<sup>37</sup>. Essa compreensão de urbanidade – e civilidade – fez o *cafone* ser codificado no imaginário nacional como especificamente um italiano do Sul. Em razão disso, a palavra *cafone* está impregnada de atributos negativos aplicados pelos italianos do Norte contra os italianos do Sul (Sciorra, 2017).

Em suma, ao lexema são atribuídos sentidos conforme a visão de mundo dos participantes do contexto de produção do processo comunicativo. O fato de Vinciguerra (2017) reportar, como abonações, trechos de *Fontamara* evidencia o valor histórico de testemunho social, histórico e cultural dessa obra e corrobora as discussões aqui desenvolvidas.

## 5 Considerações finais

Para Mineo (2020), *Fontamara* é a representação literária de um período da história italiana: o vintênio fascista. Ele entende que Ignazio Silone mostra perfeitamente como a palavra representa um instrumento de poder, uma arma dos poderosos para dobrar os súditos, para praticar legitimamente os abusos.

---

<sup>37</sup> No original: “to help establish and maintain a sense of identity and belonging that stands in marked contrast to the culture and practices of the countryside”.

Protagonistas da história são os *cafoni*, camponeses de uma localidade que, desde os mais remotos tempos, são vítimas constantes dos abusos de poder praticados por diversos agentes da vida social: empresários, políticos, advogados e até mesmo representantes da Igreja Católica, em quem os *cafoni* tanto confiam.

A análise realizada neste artigo aponta para uma compreensão da palavra *cafone* como um nome cuja função é a designação de um fato da realidade ao qual os sentidos, dentro do contexto sócio-histórico-cultural fictício da obra, são atribuídos a partir de concepções de mundo diferentes e antagônicas: a do próprio homem *cafone* e a do homem não *cafone*. O homem não *cafone* tem uma visão extremamente preconceituosa e pejorativa do homem *cafone*, enxergando-o como um ser totalmente inútil, estúpido, sem conhecimento, de cuja ignorância e condição social pode tirar proveito. O *cafone*, embora tenha consciência da sua ignorância, da sua miséria e da sua condição social, não enxerga a si mesmo como algo negativo. Ao contrário, enxerga-se como parte de um povo que tem sua própria identidade, da qual se orgulha. Quando fala de si como algo inútil, o *cafone* o faz porque tem consciência de que o homem não *cafone* o enxerga assim, isto é, reproduz o discurso alheio sobre si, mas não se ressentido disso.

Tratando-se, portanto, de duas histórias antagônicas, de um embate entre dois povos que têm, cada um, sua própria língua, seu próprio modo de perceber, conceptualizar e categorizar o mundo, concluimos que, na narrativa, ocorre a manifestação de dois lexemas *cafone* distintos: um pertencente à língua dos *cafoni* — o dialeto — e outro pertencente à língua dos não *cafoni* — o italiano. Na língua dos *cafoni*, o lexema é empregado com seu valor estritamente representacional, designando o referente por aquilo que ele é. Em relação à língua italiana, *cafone* é uma unidade lexical cujas definições podem ou não coincidir com os sentidos socioculturais daquela comunidade linguística, os quais variarão conforme a posição ideológica e social de cada sujeito, como apontam também os enunciados lexicográficos dos dicionários e dos vocabulários analisados.

Os sentidos do lexema *cafone* registrados na obra *Fontamara* constituem-se,



portanto, como um documento de um processo histórico e sociocultural, e os significados lexicais que tal forma vocabular possui nos três sistemas linguísticos cotejados — italiano padrão, dialeto italiano e português brasileiro — comprovam que, na evolução histórica de um lexema, “o núcleo central de significação pode ser deslocado e uma significação periférica passar a ocupar o centro desse campo conceitual” (Biderman, 1978, p. 145), como o demonstram os enunciados lexicográficos dos verbetes de Michaelis, Priberam, Hoepli e Sabatini Coletti, que registram como significado nuclear do lexema *cafona* e *cafone* o que antes era um significado periférico.

Esperamos que este trabalho possa ser uma contribuição aos estudos linguísticos, particularmente aqueles voltados às questões atinentes ao léxico e ao vocabulário das línguas italiana e portuguesa de variedade brasileira, e aos estudos literários, em especial àqueles que, para além das questões de estilo e estética, abordam a manifestação linguística das obras como um retrato e testemunho de uma época e de um povo.

### Agradecimento

A Profa. Dra. Fernanda Suely Muller, do Departamento de Letras Estrangeiras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, pela valiosa contribuição nos primeiros passos deste trabalho, *grazie mille!*

### Referências

ANDRADE, M. M. Conceituação/definição em dicionários da língua geral e em dicionários de linguagens de especialidades. *In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA: EM HOMENAGEM A ANTONIO HOUAISS, IV, 2000, Rio de Janeiro. Anais do CNFL [...].* Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2000. [Cadernos do CNFL, série IV, n. 10: Semântica e Lexicografia.]

BASÍLIO, M. Em torno da palavra como unidade lexical: palavras e composições. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 9-18, 2000.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística:** linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. **Filologia e linguística portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1998. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i2p81-118>

BIDERMAN, M. T. C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2ª ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001. p. 131-151.

CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Marcionílio. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMACHO, R. G. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.

CARDOSO, E. A. **O léxico no discurso literário**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

COSERIU, E. **O homem e a sua linguagem**. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982.

LEPSCHY, A. L.; LEPSCHY, G. **La lingua italiana: storia, varietà dell'uso, grammatica**. Milão: Bompiani, 1988.

MINEO, N. Letteratura italiana del Ventennio tra le due guerre e Fontamara. **Forum Italicum**, v. 54, n. 1, p. 391-427, 2020. DOI <https://doi.org/10.1177/0014585820910922>

MOURA, R. R. As margens da subvivência em Fontamara: o rio que nos falta. **Em Tese**, Florianópolis, v. 19, n. 01, p. 41-66, jan./jun., 2022. DOI <https://doi.org/10.5007/1806-5023.2022.e82723>

PETERLE, P. **Ignazio Silone: encruzilhadas entre literatura, história e política**. Traduções do francês por Andre Berri. Niterói, RJ: Comunità, 2011.

PROENÇA FILHO, D. **A linguagem literária**. São Paulo: Ática, 2007.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução Antônio Chielini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCIORRA, J. "He made us all look like gavones": Marking Cafoneria and Policing the Boundaries of Propriety, Taste, and Ethnic Identity among Italian Americans. GIBBY, S.; SCIORRA, J.; TAMBURRI, A. J. (org.). **This Hope Sustains the Scholar**. Essays in

Tribute to the Work of Robert Viscusi. Nova York: Bordighera Press, 2021.

SILONE, I. **Fontamara**. 16ª ed. Milão: Mondadori, 2001.

SOBRERO, A.; MIGLIETTA, A. **Introduzione alla linguistica italiana**. Roma-Bari: Laterza, 2018.

VINCIGUERRA, A. **Sull'origine di cafone** (con qualche osservazione e consiglio a proposito delle etimologie in rete). 2017. Disponível em: <https://accademiadellacrusca.it/it/consulenza/sullorigine-di-cafone-con-qualche-osservazione-e-consiglio-a-proposito-delle-etimologie-in-rete/1383>. Acesso em: 10 maio 2023.

### Obras lexicográficas

DE MAURO. Disponível em: <https://dizionario.internazionale.it/parola/cafone>. Acesso em: 18 maio 2022.

DEVOTO E OLI. Disponível em: <https://dizionario.devoto-oli.it/>. Acesso em: Acesso em: 18 maio 2022.

GARZANTI. Disponível em: <https://www.garzantilinguistica.it/ricerca/?q=cafone>. Acesso em: 18 maio 2022.

HOEPLI. Disponível em: [https://dizionari.corriere.it/dizionario\\_sinonimi\\_contrari/C/cafone.shtml](https://dizionari.corriere.it/dizionario_sinonimi_contrari/C/cafone.shtml). Acesso em: 18 maio 2022.

MICHAELIS. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cafona/>. Acesso em: Acesso em: 18 maio 2022.

MICHAELIS. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/caipira/>. Acesso em: 18 maio 2022.

PRIBERAM. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/cafona>. Acesso em: 18 maio 2022.

SABATINI COLETTI dizionario di italiano. Disponível em: [https://dizionari.corriere.it/dizionario\\_italiano/C/cafone.shtml](https://dizionari.corriere.it/dizionario_italiano/C/cafone.shtml). Acesso em: 18 maio 2022.

TRECCANI vocabolario. Disponível em: <https://www.treccani.it/vocabolario/cafone/>. Acesso em: 18 maio 2022.

ZANICHELLI. Disponível em: <https://dizionariapiu.zanichelli.it/cultura-e-attualita/le-parole-del-giorno/parola-del-giorno/la-parola-del-giorno-cafne/>. Acesso em: 18 maio 2022.

Artigo recebido em: 20.05.2024

Artigo aprovado em: 10.10.2024